

Revista Eletrônica de Sistemas de Informação

ISSN 1677-3071

v. 13, n. 3

set-dez 2014

doi:10.21529/RESI.2014.1303

Sumário

Editorial

Editorial

Pietro Cunha Dolci

Ensino e pesquisa

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – TEMAS DE PESQUISA ACADÊMICA NO BRASIL ENTRE 1994 E 2013

Henrique Freitas, João Becker, Cristina Martens, Carla Marcolin

Foco na tecnologia

CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE SGBD NOSQL EM ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS

Alexandre Moraes de Souza, Edmir Parada Vasques Prado

Foco nas organizações

A COMUNICAÇÃO NO ALINHAMENTO ESTRATÉGICO TI-NEGÓCIO: O PAPEL DAS CONVERSACÕES E SUAS COMPETÊNCIAS

Luís Kalb Roses, Jean Carlos Borges Brito, Gentil José de Lucena Filho

SOFTWARE LIVRE COMO FATOR DE INOVAÇÃO PARA O SETOR DE TIC

Luciano Cunha de Sousa, Cleidson Nogueira Dias, Solange Alfinito

Pensata

FUTEBOL E A PESQUISA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO: AFIRMANDO A IDENTIDADE BRASILEIRA

Maria Alexandra Cunha, Eduardo Henrique Diniz

Nominata de avaliadores

Avaliadores ad hoc - 2014



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons Attribution 3.0](http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).

ISSN: 1677-3071

Esta revista é (e sempre foi) eletrônica para ajudar a proteger o meio ambiente, mas, caso deseje imprimir esse artigo, saiba que ele foi editorado com uma fonte mais ecológica, a *Eco Sans*, que gasta menos tinta.

This journal is (and has always been) electronic in order to be more environmentally friendly. Now, it is desktop edited in a single column to be easier to read on the screen. However, if you wish to print this paper, be aware that it uses Eco Sans, a printing font that reduces the amount of required ink.

FUTEBOL E A PESQUISA EM SISTEMAS DE INFORMAÇÃO: AFIRMANDO A IDENTIDADE BRASILEIRA

SOCER AND RESEARCH IN INFORMATION SYSTEMS: AFFIRMING THE BRAZILIAN IDENTITY

(reflexão submetida ao ISLA 2014¹ e gentilmente cedida pelos autores e pela organização do evento para reprodução na RESI)

Maria Alexandra Cunha

Professora do Curso de Doutorado em
Administração Administração de Empresas
(CDAE) da Eaesp/FGV-SP
alexandra.cunha@fgv.br

Eduardo Henrique Diniz

Professor do Curso de Doutorado em
Administração Administração de Empresas
(CDAE) da Eaesp/FGV-SP
eduardo.diniz@fgv.br

É possível desenvolvermos uma identidade brasileira na pesquisa de IS? A pergunta orienta esta nossa reflexão, queremos discutir a identidade brasileira como uma característica importante da pesquisa que fazemos. Queremos defender que sim, é possível marcarmos a identidade brasileira nos textos que produzimos.

Há uma estratégia geral no Brasil de melhoria da qualidade em pesquisa, traduzida pelas agências de fomento à pesquisa como internacionalização. A atuação do CNPQ, principal agência de fomento à pesquisa nacional "... contribui para o desenvolvimento nacional e o reconhecimento das instituições de pesquisa e pesquisadores brasileiros pela comunidade científica internacional"². Acompanhando a estratégia geral, o país quer a pesquisa em administração em lugar de destaque na publicação qualificada internacional, esta vista como *proxy* de qualidade (*sic*). Para isso, há desafios a cumprir na área de administração, que decantam para a área de IS. A área de IS no Brasil tem uma história de influência norteamericana, marcadamente estadunidense. Inserção qualificada internacional exige rigor científico e contribuição inserida na agenda mundial e também se quer relevância para a prática nacional. Mas, além de enfrentar estes desafios, ainda sustentamos que os nossos textos devem ser reconhecidos como brasileiros. Gostaríamos que um leitor, pesquisador, aluno, professor ou *practioner*, sem saber quem são os autores ou o país das suas instituições, reconhecesse um texto nosso como brasileiro. A presença mundial associada a uma identidade brasileira já foi conseguida em outras áreas – no futebol, na música, na arquitetura, no design. Achamos que é possível desenvolvê-la em IS e vamos usar

¹ Conferência *Information Systems in Latin America*, ocorrida na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, de 1 a 3 de maio de 2014.

² Disponível em
<http://www.cnpq.br/web/guest/o-cnpq;jsessionid=3A20432C7C5ADEAF1A7142C930F61F18>

como termo de comparação o futebol brasileiro. Afinal, é o ano da Copa do Brasil...

A área de Administração no Brasil surgiu na década de 50, associada a um modelo desenvolvimentista norte-americano (WOOD, TONELLI, 2001). O primeiro curso totalmente focado em negócios e gestão foi criado em 1954, pela FGV em São Paulo, com o auxílio de professores da Michigan State University, que participaram da concepção dos programas acadêmicos. Além desta, foram criadas escolas de administração nos Estados do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e da Bahia (WOOD JR. e PAES de PAULA, 2004). Na década de 1960, a FGV criou o seu primeiro programa de pós-graduação. As instituições de ensino, junto com as consultorias e uma incipiente mídia de negócios, que surgiu na mesma época, vêm desde então, influenciando a dinâmica corporativa brasileira (DONADONE, 2001). Bertero et al (2013), dizem que apesar da pesquisa em administração ter evoluído consideravelmente na década de 2000, ainda apresenta fragilidades teóricas e metodológicas consideráveis, e é pouco relevante e pequena a inserção internacional. Também dizem que o “país e suas organizações bem mereceriam uma academia mais “extrovertida”, capaz de teorizar sobre os fenômenos locais e de interagir de igual para igual com seus pares internacionais”.

A sub-área da Administração a que chamamos “Sistemas de Informação” surge no Brasil na década de 1980. Nessa época, quatro programas de pós-graduação participam de forma mais intensa do esforço inicial de consolidar um conjunto de conhecimento na área. Foram a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da FGV, o Instituto Coppead de Administração da UFRJ, a Faculdade de Administração e Economia da USP, e o Programa de Pós-Graduação em Administração da UFRGS. A área de ADI – Administração da Informação foi criada em 1981 na associação que congrega os programas de pós-graduação, a ANPAD (HOPPEN, MEIRELLES, 2005). Pozzebon, Diniz e Reinhard (2011) enumeram três desafios contemporâneos da área de IS brasileira. Primeiro, a pesquisa em IS não está sendo publicada internacionalmente por autores brasileiros. Mesmo quando brasileiros aparecem como co-autores em algumas publicações, os pesquisadores, grupos de pesquisa ou as publicações importantes no cenário internacional que focam a América Latina são ligados a instituições norte-americanas ou europeias. O segundo, é que são escassos os pesquisadores brasileiros que participam de redes de pesquisa ou estão no corpo editorial de revistas acadêmicas internacionais. Terceiro, nos trabalhos brasileiros falta teoria, falta uma posição clara sobre o domínio teórico.

O nosso termo de comparação é o futebol brasileiro, que tem uma história interessante e que nem sempre coincide com a contada pelo imaginário popular (MASCARENHAS, 2001). Há que começar pelas referências ao futebol ancestral, com diversos registros em populações isoladas entre si. Na China, o Tsu-chu (3000 a 2500 AC), praticado com chutes nos crânios dos inimigos derrotados. De um lado ao outro do globo,

em diferentes épocas, registros de outros “futebóis ancestrais” como o Kemari (Japão), o Tlachtli (América pré-hispânica), o Epyskiros (Grécia), o Harpastum (Roma), o Soule (França). Mais próximo do futebol atual, o Calcio, praticado na Toscana nos séculos XVI e XVII, e que é o nome que o regime nacionalista de Mussolini resgatou no século XX e perdura até hoje na Itália.

Um salto para a Inglaterra da revolução industrial vai nos permitir observar o futebol tomar a forma que conhecemos. Associado aos benefícios orgânicos e morais dos esportes, valor das escolas da elite britânica no século XIX, diversas modalidades esportivas começaram a ser praticas. Naquela época, cada escola britânica jogava um futebol de acordo com as regras da sua localidade, inviabilizando campeonatos ou jogos entre escolas. Então, cria-se a Football Association que, em reuniões entre 1848 e 1863, estabelece as regras que vão permitir às escolas competir entre si. Com a possibilidade de deslocamento de jogadores e torcedores pela malha ferroviária, nos fins do século XIX, os jogos tornam-se entretenimento para multidões, atraem milhares de pessoas. Em menos de três décadas, o futebol transformou-se no esporte que Hobsbaw (1991, p. 262) veio a chamar de “religião leiga da classe operária”.

A difusão do futebol é planetária e chega também ao Brasil. Ligada à revolução industrial, ao imperialismo britânico, entra nos países normalmente pelos portos e pelo exercício de relações comerciais entre a Inglaterra e cidades com perfil industrial e economicamente dinâmicas. Na América do Sul o futebol chega à Argentina, ao Uruguai e ao Brasil.

No Brasil, a história do futebol é um pouco diferente dos demais países. O futebol difunde-se ao mesmo tempo em vários pontos do território desconectados entre si. O futebol aproveita os ideais esportivos da congregação Marista e de outras escolas religiosas, especialmente jesuítas, que o incluem nos exercícios físicos regulares. Entra com os bacharéis formados no exterior, que voltam para o Brasil com as “novidades da civilização”. Entra com os imigrantes europeus. Várias cidades e regiões no Brasil têm seus próprios “Charles Muller”, homens amantes do futebol que, ao voltar ao país, trazem na bagagem os uniformes e equipamentos não fabricados por aqui. O futebol, em menos de um século, torna-se o esporte nacional brasileiro.

As regras mundiais do futebol são as mesmas que disciplinam os jogos brasileiros, mas o nosso futebol é diferente, tem identidade brasileira, tem inovações! Em um jogo Brasil x Alemanha, Brasil x Estados Unidos, Brasil x Coreia do Sul, em dez minutos reconhecemos o Brasil sem precisar de ajuda do uniforme ou dos nomes nas camisas. Talvez demore mais contra a Espanha, Argentina, mesmo Uruguai. Quinze minutos! E a nossa prática do esporte gera inovações. Algumas com nome próprio - a “bicicleta” de Leônidas em 1932, a “folha seca” de Didi em 1958. Outras não ganharam nome, mas têm assinatura - os inesquecíveis dribles do Garrincha ou as paradinhas do Pelé. E o nosso futebol gera até inovações não ligadas à bola no pé. Os nomes próprios, diminutivos ou apelidos dos

jogadores na camisa não atenderiam o gosto britânico – Dedé, Didi, Dodô, Bobô, muitos “inhos” ou “ãos”, Ronaldinho, Juninho, Ditão, Tonhão, ou os formais Chulapa, Pelé, Garrincha. Também não é britânico o embalar do filho recém-nascido do Bebeto na comemoração do gol na copa de 1994. É marca da identidade brasileira!

Um pouco longa esta história do futebol³, mas quisemos enfatizar a sua origem difusa, a formatação inglesa na revolução industrial, a difusão global e uma entrada no Brasil com características diferentes da chegada aos outros países, com evolução marcada pelas circunstâncias locais. Jogamos com as mesmas regras que valem globalmente, somos reconhecidos mundialmente pela excelência, e temos identidade própria. Poderíamos falar da Administração – a origem difusa, a formatação inglesa na Revolução Industrial, a difusão global e uma entrada no Brasil que é particular às características do país... As mesmas regras, possibilidade de excelência, jogada à brasileira.

A administração brasileira tem características próprias, de que pouco se fala. Perseguimos como ideal na pesquisa escrever como norteamericanos ou, para os que desgostam dessa parte do globo, como europeus. Colonialismo auto-imposto. Há um exemplo ilustrativo desta falta de identidade em Administração, a gestão de projetos. Aqui e em grande parte do mundo o PMBOK reina acima das demais propostas que reúnem práticas de controle e melhoria dos resultados de um projeto. Na área de sistemas de informação e desenvolvimento de software as empresas brasileiras conseguiram avanços com a implementação das práticas do PMBOK. Temos empresas certificadas para prestarem consultoria, gerentes de projeto certificados, indicadores de uso bem positivos. Na prática das empresas, seguimos à risca os preceitos? Certamente que não, a experiência profissional que temos nos indica que não. Para as empresas ou para os PMPs (*Project Management Professionals* certificados pelo *Project Management Institute*), não é confortável afirmar que estamos fazendo “à brasileira”. Do lado da academia não haveria tal desconforto, mas os acadêmicos brasileiros não produzem descrições das “folhas secas” e das “biciclistas” da gestão de projetos, que criamos sem ferir as regras mundiais do PMBOK. Somos diferentes, nossa prática é diferente, as condições em que a produção de software se dá no Brasil é diferente, e as empresas estão conseguindo bons resultados com a implementação de gestão de projetos. Como? A resposta poderia ser uma contribuição para os países em desenvolvimento e para a gestão de projetos no mundo. As mesmas regras, mas o jeito brasileiro.

A esta altura do texto, você, mais ou menos convencido que uma identidade brasileira é possível, pergunta-se como vamos “pendurar esse

³ A tese de doutorado na USP de Gilmar Mascarenhas, de onde tiramos todas as informações históricas sobre o futebol, é muito mais longa, mas vale a pena lê-la: “A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”.

sino no pescoço do gato”. Não sabemos. É a nossa provocação. Já conversamos sobre a impressão de identidade no tripé que fundamenta a pesquisa de qualidade em algumas perspectivas ontológicas e epistemológicas – os domínios conceitual, metodológico e substantivo. Mas ainda são ideias preliminares.

Para ilustrar a impressão de identidade no campo teórico, trazemos como exemplo a Escola de Montreal, uma corrente de pensamento para o estudo da comunicação organizacional. James Taylor e seus colegas e discípulos desenvolveram uma teoria de comunicação organizacional. Eles usam a interação e a análise de conversação para entender os processos pelos quais as organizações e os papéis organizacionais surgem e são mantidos. Nem todas as teorias configuram uma Escola, como conseguiu a de Montreal, que congrega pesquisadores de várias outras instituições e não só da Universidade onde surgiu. Há que mostrar identidade e eles conseguiram. A escola de Frankfurt é outro exemplo, cujos textos reconhecemos se mais não fosse pelo tom pessimista... Em IS, os nórdicos também o fazem, imprimem identidade ao consolidar a perspectiva do usuário. Não inventaram a linha sócio-técnica, mas usam-na com propriedade e ao lermos um trabalho deles, sabemos que vem da região. Lá, a lógica das escolhas do que se quer trabalhar e a perspectiva que orienta o trabalho, estão *embedded* da origem do pesquisador. Desenvolver teoria, construir teorias tropicais é um desafio para os pesquisadores brasileiros (Bertero *et al.*, 2013), para o nosso trabalho. Fazê-lo com suporte em autores brasileiros ou latino americanos pode ser um caminho de afirmação de identidade. Guerreiro Ramos, Darcy Ribeiro, Paulo Freire...

No domínio metodológico, o rigor é um desafio para qualquer pesquisa. Mas em sistemas de informação no país, além da competência para utilizar métodos qualitativos e/ou quantitativos de pesquisa, há desafios particulares. A pouca disponibilidade de dados secundários, a extensão do país, as diferenças sociais ou culturais, baixo nível de alfabetização, baixa formação, são problemas que enfrentamos. E todos já nos deparamos com empresas que desconhecem pesquisa acadêmica ou que tiveram experiências negativas e resistem à coleta de dados. Os que concordam, na entrevista, não nos contam nada. Depois que desligamos o gravador ou no melhor lugar para conversar, o bar, contam-nos tudo. Todos sabemos disso e nos textos fingimos que foi fácil. Na publicação, a dificuldade não aparece e, muito mais importante, omitimos as formas como superamos as dificuldades sem violar a ética. Essa poderia ser uma contribuição interessante para os países em desenvolvimento e mesmo global.

Há também uma grande oportunidade de iluminarmos os traços da identidade brasileira no domínio substantivo do nosso trabalho. A compreensão de fenômenos locais pode gerar contribuições para o desenvolvimento teórico global ou pode ajudar a prática das organizações brasileiras. O uso de tecnologia desenvolvido a partir das necessidades de

adaptação locais, como a hiperinflação do passado, a grande extensão territorial, a baixa qualificação de mão-de-obra, a falta de infraestrutura. Os fenômenos baseados em traços culturais, as importações de tecnologia e os novos usos, as consequências, os usos não previstos, empreendedorismo tropical de tecnologia...

Nós, os dois autores, já ocupamos posição privilegiada na observação da produção de IS no Brasil, fomos coordenadores da divisão de ADI da ANPAD. Ambos trabalhamos num programa de pós-graduação em que a linha de pesquisa em IS tem mais de 10 anos de existência formal. Por isso, sabemos que o Brasil é capaz de fazer pesquisa em IS com qualidade e com valor para a prática. Acreditamos que, em grupo, temos que afirmar a identidade brasileira nos nossos trabalhos, no rumo da Escola Brasileira de IS.

REFERÊNCIAS

BERTERO, C. O. *et al.* Produção científica brasileira em administração na década de 2000. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 53, n. 1, Fev. 2013.

DONADONE, J. C. Os hunos já chegaram: dinâmica organizacional, difusão de conceitos gerenciais e a atuação das consultorias. 2001. Tese de Doutorado apresentada à Escola Politécnica de São Paulo, Departamento de Engenharia de Produção, São Paulo, 2001.

HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismos desde 1870*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

HOPPEN, N.; MEIRELLES, F. S. Sistemas de informação: um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 45, n. 1, Mar. 2005.

MASCARENHAS, G. A Bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

POZZEBON, M.; DINIZ, E.; REINHARD, N. Creating a Brazilian school in international information systems research: opportunities and challenges. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 51, n.1, p. 10-14, Fev. 2011.

WOOD JR, T.; PAES de PAULA, A. P. Business education in Brazil: hybridism and tensions. In: ALON, I; MCINTYRE, J. (Ed) *Business education and emerging markets: perspectives and best practices*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2004. http://dx.doi.org/10.1007/1-4020-8072-9_6

WOOD JR, T.; TONELLI, M. J.; COOKE, B. Colonização e neocolonização da gestão de recursos humanos no Brasil (1950-2010). *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 51, n. 3, Jun. 2011.